

O DOCENTE SOB FOGO CRUZADO: os incidentes críticos no processo de ensino e aprendizagem

Góes, Antônio Oscar Santos

Doutor em Sociologia Econômica e das Organizações, ISEG-UTL, Lisboa, Portugal
Professor Adjunto do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis
Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil.
oscargoes11@hotmail.com

Dib, Alfredo

Doutor em Educação pela Universidade Complutense de Madrid, Espanha e Doutor em
Economia pela Universidade do Porto, Portugal.
Professor e pesquisador do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis,
UESC, Ilhéus/BA, Brasil.
membro IJP, UPT, Porto, Portugal
alfredodib@yahoo.es

RESUMO

A Universidade milenar é uma entidade socialmente constituída com a missão de promover a instrução e a educação de maneira ampla e universal aos demandantes, através do processo ensino-aprendizagem. Sabe-se que ocorreu um aumento considerável da quantidade de estudantes nas Instituições de Ensino Superior - IES - em diversos países, em particular no Brasil, no terceiro milênio. A grande questão envolve as ações desenvolvidas pelos professores na arte de ensinar nas universidades. Inquire-se, pois, como estão os procedimentos de ensino? Sob essa perspectiva, este ensaio refletiu atributos favoráveis e desfavoráveis do professor no processo educacional superior. O objetivo identificou ação do docente no ensino-aprendizagem. Além desses propósitos, buscaram-se incidentes críticos no âmbito das práticas desenvolvidas pelos docentes. A fundamentação teórica referenciou autores nos seguintes aspectos: o professor, o papel do docente na sociedade e as atuações do profissional da educação. A trilha metodológica foi bibliográfica, básica, qualitativa e exploratória. Utilizaram-se levantamentos em livros, artigos e documentos, além da busca telematizada. Os resultados, em princípio, não consolidados, não conclusivos, sinalizam o impacto no mau funcionamento do ensino, quando não se cumpre as normas já institucionalizadas, quando falta com o comprometimento profissional, quando não assume o papel que lhe é devido, quando desconsidera a relevância social e suas consequências no processo de ensino-aprendizagem. Este escrito sobre a temática em lide nada tem de absoluto, pelo contrário, constitui-se apenas a “ponta do *iceberg*” para futuras pesquisas mais sistematizadas. Ademais, para um aprofundamento mais elaborado, questiona-se: quais atores

podem ser responsabilizados caso não se consiga um ensino de excelência? As reflexões finais permitiram novos questionamentos para uma futura pesquisa mais estruturada para desvendar/aprofundar os questionamentos expostos, principalmente nas disfunções e perturbações do ensino aprendizagem nas ações contraproducentes dos profissionais da educação.

Palavras-chave: Professor. Educação de Adultos. Ensino-Aprendizagem. Incidentes Críticos.

1 – INTRODUÇÃO

O século XXI insere-se num contexto de inquietudes, desafios, constrangimentos e possibilidades de todas as ordens. A humanidade incorporou etapas que enfatizavam o caçador-coletor, a agricultura, a industrialização e, atualmente, o conhecimento (CASTELLS, 2002). Para alguns, avança-se para a da espiritualidade. Desde a micro organização até grandes instituições são afetadas diretamente por mudanças tecnológicas, econômicas e sociais vigentes impostas numa nova ordem da sociedade. Tudo está em processo de mudanças.

As diversas instituições, particularmente as universidades, enfrentam novas demandas da população. O esforço das ações governamentais em oferecer mais vagas no ensino superior é visível em muitos países. No Brasil não foi diferente. Entretanto, questiona-se a qualidade dos profissionais que são formados pelas universidades.

As universidades para continuarem com suas missões e suas diretrizes devem, além de aumentar o número de vagas, ofertar uma educação de excelência em todos os sentidos: técnicos, humanos, sociais. Procura-se um ser humano completo e integral com refletividade, crítico, analítico etc. Entretanto, será que as instituições de ensino superior promovem um ensino formador?

Para uma análise dos procedimentos envolvidos na educação superior, três aspectos devem ser investigados. O primeiro refere-se as ações governamentais, suas diretrizes para propor um ensino de referência mundial. O estado tem o dever de promover a educação de qualidade. O outro aspecto direciona a matéria-prima que são os estudantes ingressantes nas universidades, esperam-se alunos de qualidade, comprometidos e com objetivos claros a serem desempenhados para tornarem-se alunos extraordinários. Por fim, o professor com sua responsabilidade de ser “a” profissão das profissões, este mestre dos mestres, o condutor, o guia. Neste caso específico dessas discussões, trabalhou-se apenas o docente, por questões de

limitações de análises. Sabe-se, pois, que o tripé governo, estudante e profissional de educação são os fomentadores de promover, cada um com sua contribuição, a melhoria na educação, particularmente o ensino superior. Como isso acontece? Provavelmente, o Estado com propostas de incentivos à educação de primazia; o aluno interessado e motivado para tornar-se um profissional qualificado; e o professor comprometido com sua função honrosa na sociedade. Esse seria o ideal, mas a realidade tem outro lado.

Para início de discussão, pode-se questionar que as ações dos educadores permitem uma educação sistematizada, organizada? A resposta possivelmente pode ser respondida como em parte. Como proposta introdutória, o argumento a seguir já demonstra que o Brasil precisa muito avançar nessa questão. Os indicadores não são favoráveis para que o Brasil tenha uma condição de excelência no ensino superior. As avaliações de entidades internacionais – *Academic Ranking of World Universities* –, registraram que o Brasil tem apenas 6 entidades de ensino entre as 500 melhores instituições do mundo (1 - Stanford University, 2 - Massachusetts Institute of Technology, 3 - University of Cambridge, 4 - University of Oxford, 5 - Columbia University). Apenas, a USP encontra-se na posição entre 101-150 do ranking (ACWU, 2015).

A quantidade de publicação de artigos científicos pelos docentes universitários também não apresenta um bom indicador, pois a produção científica é muito baixa comparada a outros países de excelência nesse quesito. Além do mais, quando se fala em patente pelas instituições universitárias, a situação é ainda mais problemática.

Nessa perspectiva, este ensaio refletiu alguns atributos favoráveis/desfavoráveis do professor no processo educacional superior. O objetivo geral identificou ações do docente no ensino-aprendizagem. Expuseram-se reflexões vivenciadas numa IES - Instituições de Ensino Superior - pública. Além destes propósitos, buscaram-se incidentes críticos no âmbito das práticas desenvolvidas pelos docentes. A fundamentação teórica referenciou o professor, o papel do docente na sociedade e as atuações do profissional da educação.

Para alcance dos resultados, a trilha metodológica foi bibliográfica, básica, qualitativa e exploratória (LIMA, 2000). Utilizaram-se levantamentos em livros, artigos, documentos, anotações de campo e registro de palestras (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008), além de procedimentos da maneira telematizada.

Os resultados, em princípio, não consolidados, não conclusivos, sinalizam que o professor tem uma parcela de culpa na disfuncionalidade do ensino, quando não cumpre as normas já

institucionalizadas, quando falta com o comprometimento profissional, quando não assume o papel que lhe é devido, quando desconsidera a relevância social e suas consequências no processo de ensino-aprendizagem. Este escrito sobre a temática em lide nada tem de absoluto, pelo contrário, constitui-se apenas a “ponta do *iceberg*” para futuras pesquisas mais sistematizadas. Ademais, para um aprofundamento mais elaborado, questiona-se: quais atores podem ser mobilizados caso não se consiga um ensino de excelência? As reflexões finais permitiram novos questionamentos para uma futura pesquisa mais estruturada para desvendar/aprofundar os questionamentos expostos, principalmente nas disfunções e perturbações do ensino aprendizagem nas ações contraproducentes dos profissionais da educação.

Por fim, a estruturação deste estudo teve três momentos: a) uma introdução que contempla a ideia central do trabalho, juntamente com a classificação metodológica desenvolvida e o objetivo a ser alcançado; b) apresentação e análise teórica dos autores pesquisados e, c) os resultados e considerações finais. Para início dos trabalhos, far-se-ão algumas considerações teóricas.

2 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE TEÓRICA

O vocábulo docente está intimamente ligado às palavras correlatas: mestre, professor, educador. Assim, as etimologias seguintes permitem a origem das palavras, como também identificar seus significados. Posto isso, o Dicionário Houaiss (2016) descreve (ver também Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado):

Mestre: «*latim magister,tri*, "o que manda, dirige, ordena, guia, conduz, diretor, inspetor, administrador, o que ensina", provavelmente por influência do francês antigo maistre (c. 1100 doc. como *le plus maistre*, "o principal") ou do provençal *maestre*, como parecem mostrar as formas arcaicas *maestre* e *meestre*.» (DICIONÁRIO HOUAISS, 2016)

Professor: «*latim professor,ōris*, "o que faz profissão de, o que se dedica a, o que cultiva; professor de, mestre", do radical de *professum*, supino de *profitēri*, "declarar perante um magistrado, fazer uma declaração, manifestar-se; declarar alto e bom som, afirmar, assegurar, prometer, protestar, obrigar-se, confessar, mostrar, dar a conhecer, ensinar, ser professor".»

Educador: «*latim educātor,ōris*, "o que cria, nutre; diretor, educador, pedagogo".» (DICIONÁRIO HOUAISS, 2016)

Com esses chamamentos direcionados ao docente, a sua responsabilidade perante a sociedade é algo notável, relevante e grandioso. Percebe-se, então, a referência enaltecida nessa profissão. No Japão, quando do encontro entre os representantes dos docentes da escola e o imperador, uma vez ao ano, o professor não precisa fazer referência ao imperador, este referencia o docente, pois sem o profissional da educação não poderá haver imperadores, segundo Dib (2011). O mesmo autor, ainda, informa que nos países nórdicos quando os pais necessitam comparecer à escola para reuniões coletivas ou individuais com professores a dispensa ao trabalho é automática, porque toda a sociedade considera o desenvolvimento e acompanhamento escolar como prioridade máxima. E no maior corte orçamentário da história da Alemanha, a cancelar Angela Merkel reduziu salários, cargos comissionados, vagas de todas as esferas do Estado. E terminou seu discurso informando que a Educação é a única a não sofrer corte, porque a Educação do país é o futuro, e no futuro não se mexe. No Brasil, o governo tem como lema Pátria Educadora. Esses e outros casos identificam o entendimento transformador da educação, que tem como ícone o processo de ensino e aprendizagem e a figura do docente na sua concretude. Vê-se, então, com esses argumentos, o quão importante é o mestre, o guia educacional, o orientador, o tutor. Exemplos esses que notabilizam o educador, assevera Dib (2011).

Ressalta-se, ainda, que a educação coexiste três formas: a educação formal que é a institucionalizada, normatizada, registrada oficialmente perante os órgãos dos governos locais, regionais e internacionais. A educação informal que é a educação transformadora no âmbito da esfera de empresas, consultorias, cursos diversos oferecidos por instituições diversas finalidades. Ocorre e desenvolve sem um registro oficial. E a educação não formal, está é, por exemplo, o que se aprende na propaganda. A cidade educa segundo Freire (1991). Em todas essas amplitudes a efígie do professor, do docente é inerente ao processo. Assim que se entende o professor não somente o que está em sala de aula, em colégio ou universidade, mas sim aquele que atua no processo de ensino aprendizagem. Este texto trata do professor do ensino formal universitário, salientando a relevância dos demais.

No que se refere ao contexto universitário, a pressão do conhecimento na formação do discente tem como força motriz a competitividade do mercado, inclusive no âmbito público. O professor está preparado para atender essa inquietude? Exigências? Expectativas? Pode ele transformar a sala de aula em um ambiente de aprendizagem que atinja os resultados

esperados? Quais os incidentes críticos que ocorrem na busca da qualidade do processo de formação?

A formação do docente passa necessária por boas práticas pedagógicas e condutas respeitadas na sala de aula. O professor, comprometido com o seu ofício, trabalha para a conquista de resultados com a formação de qualidade dos discentes, independentemente do contexto conturbado em que está inserido. O perfil do profissional da educação tem que ser exemplo para os seus seguidores. O mestre de excelência executa suas atividades de docência sem ignorar que está atrelado às normas, legislações a que está vinculado. "A profissão de pedagogo [mestre universitário] deve ser encarada como ofício que envolve um conjunto de doutrinas, princípios e métodos de instrução para transmissão do conhecimento, com o objetivo de educar" (BOSCHI, 2008, p.17). Assim, "bons professores são peças-chave na mudança educacional" afirma Cardoso (2015, p.134). Vê-se, então, as características e posturas do professor como conduta ilibada no exercício da profissão. Pergunta-se: Será que o professor está conduzindo a sala de aula com requisitos de comprometimento ou negligenciando suas ações? Ao mesmo tempo que ações e mobilizações de diversas áreas enfatizam atividades do professor que supera e se supera no ato transformador, há também muitas manifestações da má conduta do professor sendo expostas. Alunos reclamam do desinteresse do docente, da falta de compromisso com o ato de educar, o desleixo do cumprimento de suas obrigações pedagógicas e institucionais, a falta de planejamento das aulas, descuido de profissionalizar-se e atualizar-se, além de infringir normativas e regulamentos legais.

Entre os preceitos de um bom docente e aqueles que maculam a profissão honrosa de educar expõe o constrangimento dessa profissão de magistério. Sobre esse fogo cruzado está o professor. Sua prática didática aplicada deve ser reinventada, ou em alguns casos simplesmente praticar o estabelecido. O sucesso do mundo contemporâneo tem contribuição efetiva desse professor. Desde as tecnologias de ponta, avanços médicos e as manifestações para consolidação da paz e dos direitos universais. O fogo cruzado continua. Góes e Dib (2013) enfatizam que, hoje, a vídeo aula, a pesquisa pela internet, a comunicação nas redes sociais fazem parte, querendo ou não, de práticas didáticas e por isso as mesmas devem ser revistas e atualizadas. Além de técnicas, métodos e sistemas há também a parte comportamental. Destaca-se a conduta do docente neste novo modelo de sociedade e de sala de aula. Esta pressão social não absorve uma conduta que não condiz com o sentimento e a

nova ordem de valores. Assim o modelo da aula-palestra convive com outras alternativas. O que significa, e aqui expressa-se novas preocupações, não está somente na atualização da prática docente, muito menos na falta de conscientização desta atualização tão precisa e necessária o ponto muitas vezes é a falta de atitude de se comprometer. Faz necessário uma conduta íntegra. A válvula de escape para essa perturbação mental, confusão profissional, dicotomia espiritual repercute diretamente nas ações cotidianas com a norma de superar seu grande dilema de conscientização. A relação docente-discente fica fragilizada. Os horários desorganizados. Os desencontros habituais. Espelho da fuga.

3 – RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O docente, na sua função profissional, atua no processo de ensino e aprendizagem para formar indivíduos com competências técnicas e humanísticas. Os professores quando desenvolvem suas atividades de ensino de modo favorável, comprometem-se com a relevância social que lhes é peculiar (DURKHEIM, 2007). O professor universitário tem o seu lugar de destaque na sociedade ao portar-se de maneira compromissada com o propósito de formar pessoas, de maneira mais ampla possível, tornando o aluno um cidadão do mundo. Profissão essa que o caracteriza com um sacerdócio, isto é, missão ou profissão que se leva muito a sério diante do devotamento que demanda.

O grande filósofo Sócrates já informava que o educador tem o objetivo de persuadir os demandantes. Gauthier e Martineau (1999, p. 19-20) afirmam que "persuadir é influenciar por meio de palavras e do gesto, é seduzir a mente e o coração ao mesmo tempo. No momento hodierno, o professor tem o papel [adicional] de seduzir o discente. Nesse sentido, o trabalho docente é um verdadeiro trabalho emocional". Como se observa, a ação de lecionar é complexa e desafiadora. Posto isso, o quão é grandioso e de muita responsabilidade o trabalho do professor. O responsável pela educação é um agente de mudança social, é um sonhador que realiza e obtém resultados, é o incansável, é o lutador por seus ideais por um mundo cada vez melhor, através da utilização da educação. Pela educação o homem emancipa-se. O bom professor será sempre um modelo, um exemplo. Será que se encontra esse tipo de docente? O docente compromissado é uma pessoa em desaparecimento? Possivelmente, encontra-se em pouca quantidade o verdadeiro docente com o papel que lhe é relevante na sociedade.

É inegável, têm-se professores de boa formação, pessoas com uma profissionalização de relevância, porém, é leviano ou ingenuidade afirmar que os métodos e formas de trabalhar em

sala de aula é de qualidade e excelência por parte de *todos* os professores. Imaginar que tudo está bem é uma utopia. Observa-se, pois, que algumas condutas desfavoráveis do processo de ensino e aprendizagem maculam a imagem do envolvido com a educação. Ainda assim, excelentes profissionais, segundo Delors (2001), que militam com compromisso, com envolvimento, e até mesmo uma educação pautada na doação, no amor, fazem parte dos profissionais de alta desempenho e que diferenciam o ato de educar. Os incidentes críticos apresentam-se em todos os profissionais, com a diferença que para o docente transformador que é sensível às mudanças, incorpora as novas demandas e revive sua conduta; porém para o docente descomprometido os incidentes críticos são ignorados, o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve com negligência, a falta de interesse se acentua e a ação é de má qualidade.

Para o entendimento melhor, a sala de aula está repleta de procedimentos desfavoráveis que denigrem a imagem do educador. Para uma ideia mais assertiva, a seguir, registram-se alguns incidentes críticos negligentes de atuação em sala de aula, são eles: a) não planejamento de aula, b) não cumprimento da carga-horária completa, c) saída do docente antes do término da aula contumaz, d) docente que "enrola" o conteúdo, e) falta de comprometimento com a profissão, f) não assiduidade (falta aula sem aviso, sem atividade e sem programação), g) ausência do professor sem motivo aparente), h) não cumprimento das normas administrativas (como por exemplo não faz chamada, não coloca notas no sistema de registro em tempo hábil, não encerra a pauta no semestre), i) não participa de reuniões oficiais e nem justifica a ausência procedimento este obrigatório e regimentar. Percebe-se, pois, um mal estar na conduta do professor.

Esses incidentes podem acontecer em qualquer âmbito, infelizmente é preciso anotar que o acompanhamento, controle e punição quando rígidos e sistemáticos afetam o comportamento do indivíduo. Numa universidade com sistemas de controle ineficientes dá margem ao pouco cumprimento das normas, e no caso de entidades públicas vem o conceito equivocado que a coisa pública não é de ninguém. E fica no imaginário que o descumprimento às normas não resultam em nada.

Também como fator de análise é que o gestor que lida diretamente com o professor, não age de forma direta e sistemática. Se o gestor não toma nenhuma providência, este está de alguma forma sendo corrupto passivo, ou, omissos com sinal de negligenciamento administrativo. Ou quando tenta impor ordem e ações para reduzir essas disfunções de atividades, corre o risco

de não ser bem sucedido, porque o desgaste físico e emocional é muito grande. Às vezes, como se observa, não muda o panorama educacional, este já estabelecido por procedimentos indesejáveis e naturalizados. O administrador da área educativa, mesmo com vontade alterar esse quadro, revela impotência para os devidos encaminhamentos, porque a resistência à mudança do professor negligente é muito grande para cumprir o mínimo necessário para uma boa conduta em sala de aula. Ou quando faz o faz via troca de favores e nestes casos o efeito é de curto prazo.

O profissional da educação está sob o foco cruzado. Sua carga e sobrecarga de atividades e responsabilidades vem aumentando. Ao mesmo tempo que profissionais da área da educação problematizam novos conceitos e interagem-se, vê-se, ainda, tantos outros comportamentos levianos por parte dos "mestres" do ensino superior. Dentre elas, destacam-se: 1) professor que avisa que não dará aula, porque vai assistir o jogos amistosos, 2) falta aula e não repõe, 3) avisa que já cumpriu o conteúdo programático antes de finalizar a carga-horária mínima obrigatória, 4) distribuição de nota sem critério, aleatória, farra de distribuição de notas gratuitamente, 5) avisa que está doente e não traz o comprovante, 6) improvisado no desenvolvimento do conteúdo, 6) plano de aula desatualizado (mesmo com a exigência normativa de atualização dos conteúdos), 7) não devolve as avaliações (*provavelmente nunca corrigem*), muitas facilidades na atribuição das notas, 8) aprova aluno para não ter mais trabalho, 9) ausenta-se de sala de aula para assuntos particulares, sem oficializar aos órgãos competentes, 10) professor com pouca segurança do conteúdo trabalhado (*demonstram imperícia*), 11) não cumpre os requisitos mínimos exigidos pelas normas institucionais (exemplos: relatório individual de trabalho, não participa de reuniões obrigatórias, não atualiza o plano de aula, não se atualiza, não utiliza novas metodologias de ensino, não participa de evento de extensão, não tem alunos bolsistas, não cumpre com o seu papel de investigador).

Percebe-se, pois, que o educador, o mestre dos mestres, está numa condição de mal-estar na conduta e postura em sala de aula. Os incidentes críticos acima informados infamam o perfil do professor nas universidades. Essas ações vivenciadas no ensino e na aprendizagem prejudicam a melhoria do ensino. Sabe-se, então, que o ensino vai de mal a pior por fatores, como: falta de investimento público, desinteresse do aluno e sua fragilidade de formação básica e, em tese, falta de sensibilidade e mudança do professor. O docente negligente refuta os incidentes críticos, argumentando que: ganha pouco, alunos sem base, infraestrutura

precária, carga de trabalho excessiva, recursos limitados. Por outro lado, para o bom professor, os desafios postos são ultrapassados e fazem a diferença ao ser modelo e guia na profissão de semeador do conhecimento.

Têm-se docentes extremamente comprometidos, envolvidos com um novo pensar da educação, incluindo-se concomitantemente em várias atividades de ensino, pesquisa e extensão. Estes são os verdadeiros missionários do processo ensino aprendizagem, fazem a sua parte, mesmo num ambiente sem o apoio e fomento público. São guias guerreiros que acreditam que a educação tem o poder de transformação em todos os parâmetros, mesmo que as condições da educação sejam contraditórias, estes, OS ILUMINADOS.

Espera-se que o docente sob fogo cruzado não seja um mero expectador, não seja o silêncio dos não inocentes, seja o alicerce educacional. Há mudança! Então, todos os professores, em princípio, incorruptos, mobilizam a sala de aula, no exercício do ensino e da aprendizagem, como um semeador de esperanças. Que as disfunções encontradas no processo ensino e aprendizagem sejam instrumentos de reflexão, de melhorias contínuas para o bem estar da educação. O processo de educar seja o princípio universal para todos e todas.

REFERÊNCIAS

ACADEMIC RANKING OF WORLD UNIVERSITIES, ACWU. *Classificação acadêmica das universidades mundiais*. 2015.

BOSCHI, G. B. Deveres do professor. *Thesis*, ano V, v. 9, 1º semestre, 2008, p. 17-36.

CARDOSO, M. R. G. O bom professor universitário do século XXI e sua prática. *Cadernos da Fucamp*. v. 14, n. 15, p. 133-148, 2015.

CASTELLS, M. (2002). *A sociedade em rede. A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Gulbenkian.

DELORS, J. (2001). *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 6. ed. São Paulo: Cortez.

DIB, A. (2011). *La paz y los derechos humanos en la formación del economista-gestor a partir de Paulo Freire*. Espanha: UCM e Portugal: UP, 2011.

DICIONÁRIO HOUAISS, disponível em < <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v2-3/html/index.htm#0>> 2016

DURKHEIM, É. (2007). *Educação e Sociologia*. 2. ed. Lisboa: Edições 70.

FREIRE, P. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991

GAUTHIER, C; MARTINEAU, S. Imagens da sedução na pedagogia. A sedução como estratégia profissional. In: *Educação & Sociedade*, ano XX, n. 66, abr. 1999, p.13-54

GÓES, A.; DIB, A. Innovative teaching and learning: uma experiência bem sucedida num curso de especialização da Universidade Estadual de Santa Cruz. In: 3ª Conferência Forges: política e gestão da Educação Superior nos países e regiões de língua portuguesa. Recife, 4,5 e 6 de dez. 2013, p. 57-58

LIMA, M. P. (2000), *Inquérito Sociológico: problemas de metodologia*. Lisboa: Editorial Presença.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, Luc Van (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.